



## O COLETIVO, O COMUNITÁRIO COMO POTÊNCIA POLÍTICA DE MULHERES PROFESSORAS DO EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS QUE RESISTEM ÀS VIOLENCIAS

Maria do Socorro Borges da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa potencialidades do coletivo na experiência de educar em direitos humanos do grupo de mulheres professoras na comunidade escolar, em território de violação de direitos sociais e como resistem aos problemas/obstáculos implicados nas condições de gênero e de trabalho docente. Resultado da pesquisa doutoral interventiva, recorta como principais dificuldades: o cuidado de si, a desvalorização profissional, o árduo trabalho docente reforçando desigualdades de gênero das professoras. Aponta a circularidade de poder coletivo-comunitário compartilhado como superação, desafiando-nos a pensar a escola como o comum, espaço público e microfísico de criação de políticas públicas de educação mais democráticas e horizontalizadas.

**Palavras-chave:** Coletivo. Mulheres. Professoras. Educação. Direitos Humanos.

**ABSTRACT:** This article analyzes the potential of the collective in the experience of educating in the human rights of the group of female teachers in the school community, in the territory of violation of social rights and how they resist the problems / obstacles implied in the conditions of gender and teaching work. As a result of the interventional doctoral research, the following main difficulties are highlighted: caring for oneself, professional devaluation, and arduous teaching work reinforcing gender inequalities among teachers. It points to the shared collective-communitarian power circularity as an overcoming, challenging us to think of school as the common, public and microphysical space of creating more democratic and horizontal public education policies.

**Keywords:** Collective. Women. Teachers. Education. Human rights.

### 1 INTRODUÇÃO

Pensar políticas públicas de educação em direitos humanos na contemporaneidade e contextos emergentes como o brasileiro se constitui um grande desafio, seja pelos atuais

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI), doutora e mestre em Educação, especialista em História Política Contemporânea e licenciatura em História. E-mail: [msocorrobs@ufpi.edu.br](mailto:msocorrobs@ufpi.edu.br)



debates, imposições e ameaças normativas como as perspectivas de reformas com fortes indícios de um poder que pode desaguar num modo de vida fascista, principalmente no controle da potencialidade política dos grupos, coletivos, movimentos sociais, na redução da esfera pública e na perdas de direitos garantidos às minorias e sujeitos que sofreram historicamente processos de violências e exclusões pelas as formas abissais de poder produzidas pela própria ciência, pelo direto, pela educação (SANTOS, 2010) como é o caso das mulheres, causando efeitos substanciais na profissão, no trabalho principalmente de mulheres professoras.

Nesse cenário, percebo a relevância social, política e científica da vivências no processo de pesquisa doutoral de intervenção na comunidade escolar “Mãos Dadas” no Grande Parque Alvorada entre Timon (MA) e Teresina (PI) e seus resultados produzidos pelo grupo-pesquisador de mulheres professoras da educação básica, Cidadão Persi, como assim se definiram como personagem conceitual, heterônimo ou mesmo sujeito coletivo e filosófico (DELEUZE, GUATTARI, 2010) pensando políticas microfísicas sobre educar em direitos humanos crianças e adolescentes a partir de realidades de violências e violações de direitos na comunidade escolar, por meio das experiências e criações de dispositivos filosóficos e artísticos. Assim, este artigo objetiva analisar a potencialidade do coletivo na experiência de educar em direitos humanos do grupo de mulheres professoras na comunidade escolar, em território de violação de direitos sociais, destacando seus modos de resistências e superação dos problemas/obstáculos implicados nas condições de gênero e de trabalho docente.

O texto cartografa o pensamento do grupo na criação de alguns confetos<sup>2</sup> produzidos a partir das narrativas orais do coletivo de mulheres professoras, Cidadão Persi, como resultado das oficinas sociopoéticas de produção de dados vivenciadas e dos relatos dos diários de itinerância das professoras que corroboram significativamente como dispositivos para pensar suas formas de resistências e os modos de educar em direitos humanos em grupo.

## 2 O COLETIVO DE MULHERES PROFESSORAS “CIDADÃO PERSI”

---

<sup>2</sup> Confetos são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferenciais. Geralmente, anarquizam referências prévias. (PETIT; ADAD, 2009, p. 5). Esses confetos são produzidos por meio de oficinas sociopoéticas, abordagem metodológica que privilegia a produção coletiva e democrática do conhecimento, usando o corpo inteiro, a arte, a, a ética/estética como princípios básicos (GAUTHIER, 2012)

CIVILIZAÇÃO  
OU BARBÁRIE:  
o futuro da  
humanidade



# IX Jornada Internacional de Políticas Públicas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

20 a 23 agosto  
2019

Cidade Universitária da UFMA  
São Luis, Maranhão, Brasil

Submissão de trabalhos: de 07 de janeiro a 19 de março de 2019  
Informações: [www.joinpa.ufma.br](http://www.joinpa.ufma.br)

Trazermos a “comunidade” como primeira paisagem do lugar de onde fala o grupo de mulheres professoras “Cidadão Persi” significa nos debruçar sobre um conceito que merece discussão, análise no contexto atual, o conceito de “comum”, pois este se define por sua consistência experiencial e concreta, um desafio permanentemente a ser enfrentado:

É comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo. Trata-se de um conceito político por excelência, já que comum é a experiência de “decisão concertada” a que somos convocados e mesmo forçados a fazer na partilha do coletivo. Entre o lógico (universal) e o político (comum) define-se, portanto, uma diferença de direção na experiência – a montante e a jusante dela – o que nos permite pensar uma coexistência que não abole a fricção e na qual o esforço de construção marca presença. (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 20-21).

Assim, quebra a perspectiva homogênea, universal e uniforme como geralmente são pensadas as políticas de públicas de educação em direitos humanos. Como também, nos instiga a entender os direitos humanos na relação de integralidade, contextualização e interdependência entre as estruturas micro e macro, em seus aspectos econômicos, sociais, educacionais, culturais e políticos (ESCRIVÃO FILHO; SOUSA JUNIOR (2016). Significa trazer esse plano comum para o lugar da escola como plano político, como uma microfísica (FOUCAULT, 2014c), uma rede onde circula saber e poder entre os corpos que o constitui, articula-se também à paisagem de “entrelugar”, como o “[...] terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação, singular e coletiva, que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”. Ou, ainda, “[...] uma emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”. (BHABHA, 2003, p. 20).

Assim, percebemos na performance existencial do grupo de mulheres professoras “Cidadão Persi” uma estética da existência e uma prática de si mesmo (FOUCAULT, 2014b), pois carrega no corpo um modo de Educar em Direitos Humanos em meio à vida. Nas suas narrativas, afirma que consegue ver o obstáculo como possibilidade de criação, como invenção de si, pois é um:

Ser firme, comunicativo, caminhante, persistente, vencedor de obstáculos, ter entre as mãos um coração, olhar para o outro com amor, um ser cidadão de superação de desafios, de esperança, de dedicação, carrega uma positividade no olhar, não age sozinho, mas caminha junto com outras pessoas, estar sempre de pé, é um ser desejante, incansável (CIDADÃO PERSI)

Além da *performance* ética e política, traz uma identidade étnica do heterônimo, destacando seu caráter múltiplo, diverso, plural, híbrido, uma espécie de comunidade dos



CIVILIZAÇÃO  
OU BARBÁRIE:  
o futuro da  
humanidade



# IX Jornada Internacional de Políticas Públicas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

20 a 23 agosto  
2019

Cidade Universitária da UFMA  
São Luis, Maranhão, Brasil

Submissão de trabalhos: de 07 de janeiro a 19 de março de 2019  
Informações: [www.joinpa.ufma.br](http://www.joinpa.ufma.br)

afetos, vivendo “em meio a várias temporalidades e espacialidades” (CARVALHO, 2009, p. 108). Ele representa vários, o professor e o aluno, a criança e o adolescente, o negro e o branco. Ele é um ser de autoafirmação de sua identidade, que se constitui em meio às situações de violação e de negação de seus direitos e que acontecem na vida cotidiana escolar.

Sendo o grupo constituído de mulheres, a identidade de gênero que prevaleceu foi masculina, “Cidadão Persi”, embora suas características acentuadas expressem a *performance* feminina da mulher. Isso sugere implicações machistas da ciência, da religião, da educação, do direito no processo de formação desse grupo, e que possivelmente, essas instituições reforçaram o homem como modelo único de expressão social, política e pública. Quando se pensa em política e em espaço público, em cidadania, ainda prevalece a imagem do homem. Porém, elas, o coletivo Cidadão Persi, com a estratégia de inscrever seu corpo na história, direito, na política, subverte a ordem e assume a identidade de “*cidadão*”, o lugar do homem, aquele que é aceito na cidade, na norma, nas relações políticas e pode falar, exercer a cidadania. Produz uma *estética da existência* (FOUCAULT, 2014b), um estilo de vida, um “estilo de carne” (BUTLER, 2016) que têm história, com condicionamentos, limitações e possibilidades.

Isso traz à cena outro fato que antecede a constituição do Cidadão Persi: apenas as mulheres deixaram-se afetar pela proposta da pesquisa e de constituir-se como grupo-pesquisador, embora houvesse homens no grupo de professores do projeto de formação docente em Direitos Humanos desenvolvido anteriormente. Por que somente elas, se disponibilizaram para a pesquisa e a constituição do grupo-pesquisador? Parece revelar uma tendência a que muitos autores chamam de “feminilização do trabalho docente” na educação básica e no trabalho com crianças e adolescentes, sob o discurso de que elas, as mulheres, tinham “por natureza” a inclinação para o trabalho com crianças, eram “naturais educadoras”, sendo o magistério apenas uma “extensão da maternidade”, lugar perfeito para vivenciar sua “vocação”, como demonstram os estudos de Louro (1997). Entretanto, essa mesma autora adverte para observarmos o que escapa a esse destino da mulher na educação:

As mulheres, nas salas de aula brasileiras e nos outros espaços sociais, viveram, com os homens, crianças e outras mulheres, diferentes e intrincadas relações, nas quais sofreram e exerceram o poder. Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que, mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos. Construir uma história às avessas, exclusivamente apoiada na trajetória daquelas que foram revolucionárias, talvez também resultasse em uma construção reduzida e idealizada. (LOURO, 1997, p. 479).





Nesse sentido, afirmamos o valor desse grupo-pesquisador ter se constituído como um grupo de mulheres, e que, não apegadas a uma imagem passiva de si, colocaram-se num plano de existência e de imanência como o *Cidadão Persi*, o sujeito que usa desse modo de existir para subverter a ordem das coisas, criar planos de fuga, constituir-se de outro modo, sob a roupagem identitária do discurso dominante, territorializa-se, cria-se, desterritorializa-se, e se recria, pois o *Cidadão Persi* é uma potência feminina. Há nessa decisão de apresentar-se masculino publicamente uma tática como a arte de guerra do “fraco” da qual trata Certeau (1994, p. 102), pois “as táticas são’ circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos”.

## 2.1 O coletivo como força potência de mulheres professoras no educar em direitos humanos: experiências e criações

Com base nas narrativas orais nas oficinas de produção de dados e nos relatos nos diários de itinerância das professoras, é possível analisar o pensamento do grupo e encontrar algumas pistas para pensar a potencialidade do coletivo nas experiências de educar em direitos humanos de professoras da educação básica.

De acordo com seu pensamento, o grupo-pesquisador de mulheres professoras *Cidadão Persi* é um corpo coletivo que “impulsiona, reanima, motiva, fortalece e faz a criança acreditar que pode, que é capaz”. Esse grupo de professoras, assume o papel de profissional, de mãe, de dona de casa, de esposa, além de outras funções nas estruturas sociais que lhes foram impostas. As vezes, se assusta com o peso da responsabilidade, por isso é também professora-responsável que “veste a camisa”, dá conta do recado, adapta-se porque tem uma força sobrenatural que lhe habita e lhe diz “Eu sou forte, eu aguento, eu tenho que ficar de pé”. É professora-cuidadora, com “projetos focados no Outro”. Por isso, possui uma tática, que tem o Outro como lugar (CERTEAU, 1994).

*Persi* cuidadora, responsável, sobrenatural, transforma-se em Mulher-Maravilha, sua força individual, que carrega sobre si a responsabilidade de resolver os problemas coletivos da comunidade, da família, de forma salvacionista e quase messiânica. Afirma: “Nós somos mulheres, principalmente as mulheres do “Mãos Dadas”, nós somos incansáveis. A cada dia nós estamos aqui sempre assim: bonitas, alegres e prontas para acolher o que vier, o dia todo”; uma “super-mulher”. Essa mulher, somos todos nós, professoras, trabalhadoras.

Ela se preocupa com os valores e abraça a causa da educação com amor. No cuidado cotidiano de crianças e adolescentes, a escola parece um pronto-socorro, sempre tem um

CIVILIZAÇÃO  
OU BARBÁRIE:  
o futuro da  
humanidade



# IX Jornada Internacional de Políticas Públicas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

20 a 23 agosto  
2019

Cidade Universitária da UFMA  
São Luís, Maranhão, Brasil

Submissão de trabalhos: de 07 de janeiro a 19 de março de 2019  
Informações: [www.joinpa.ufma.br](http://www.joinpa.ufma.br)

paciente à beira da morte. Nesse sentido, a escola parece funcionar como um poder disciplinar, um biopoder (FOUCAULT, 2014a).

Mas, quando essa professora individual se dissolve no grupo Cidadão Persi, seu heterônimo coletivo, acontece a troca colaborativa trazida pelo envolvimento, pelo pertencimento, de estar dentro do processo, pela participação que potencializa a Educação em Direitos Humanos porque produz um poder que transforma. Envolver-se é poder, “faz girar, rever, construindo a ideia de que somos capazes de fazer e de envolver”. Há poder na doação. Mesmo que, às vezes, esse poder abata as forças, a potencialidade do envolvimento é a ajuda. Esta é força maior, a de ser um grupo que trabalha em conjunto, que levanta o Outro na queda. Aquele que se envolve acreditando na capacidade do Outro.

A força-cuidadora da Mulher-Cidadão Persi apresenta um modo de Educar em Direitos Humanos para o cuidado. Diz: “Essa educação olha o aluno como pessoa, como um ser que necessita de amor, de carinho e de muito cuidado”. Por isso, é uma educação-do-cuidado-dança-da-Capulana que é a dança em que todos e cada um têm o seu momento do cuidar, e de passar à frente esse cuidar, de “trocar o pano”, pois um confia no trabalho do Outro. A educação do cuidado é cuidar, proteger, orientar para crescer com liberdade. É capacitar para ser livre e responsável. Essa educação para o cuidado revela-se como a arte de viver sob o signo da “cultura de si” que expressa a arte da existência da mulher Cidadão Persi. O tema do cuidado de si constituiu-se, assim “[...] uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber.” (FOUCAULT, 2014b, p. 56-58).

A força educativa do coletivo de professoras Cidadão Persi se expressa no Modo-de-educar-na-ciranda que é o educar que todos têm vez e voz, desde que seja dada a oportunidade para o crescimento pessoal e coletivo dos que estão na ciranda. Quem determina essa condição é o próprio grupo, pois todos os integrantes podem opinar e sugerir ações e ideias em prol do crescimento do grupo como um todo.

Mas, tem os problemas redemoinhos: o “Não reconhecimento dos educadores” e do “desrespeito e da desvalorização” assume uma intensidade muito grande como obstáculo-desânimo do Educar em Direitos Humanos. O professor é cuidador e “quem cuida do educador”? Isso aparece o tempo todo na produção de dados como um grito, um clamor das mulheres professoras do grupo Cidadão Persi denunciando as condições existenciais às quais o educador dos Direitos Humanos está submetido. Outro fator do problema do cuidado é o fato de o “professor fazer de tudo, ser psicólogo [...]”, questão que denuncia a ampliação do trabalho docente, sobrecarregando o professor de atividades revela recôncavos das





relações desiguais de gênero, sendo reproduzidas também no convívio escolar, na medida em que ressalta a funcionalidade dessa supermulher que “dá conta de tudo”.

Adichie (2017) diz que nossa cultura exalta essa ideia, mas não questiona a premissa desse enaltecimento, que parte do pressuposto de que o trabalho de cuidar dos filhos é uma seara particularmente feminina. Persí produz sua resistência buscando sua identidade afrodescendente manifesta, sobretudo, por três características fundamentais: 1) Circularidade dançante; 2) alacridade, pois como diz Cidadão Persi: “os círculos são uma vivência desse processo de alegria” que “une forças, acolhe as diversidades, as várias realidades, sente o outro, pois na escola tem várias realidades”. Para o Cidadão Persi a “escola é um círculo do Educar em Direitos Humanos que ensina várias maneiras de um círculo” justamente pela “diversidade de pessoas e de situações”. Ou seja, “a escola como um grande círculo e dentro desse grande círculo tem vários círculos”. E, 3) Espiritualidade, encarnada na conquista do Educar em Direitos Humanos crianças e adolescentes que a impulsiona a continuar essa caminhada e que é “alimento ao nosso corpo que nos habita para que consiga todo dia acordar e matar um leão a cada dia”. O sentido da espiritualidade como “lições de vida”, “princípios”, “valores” e “laços de amorosidade” nas relações.

A experiência do grupo de mulheres professoras Cidadão Persí afirma a potência da coletividade, do coletivo como dimensões políticas, esfera pública pois carrega o sentido da pluralidade e do exercício da liberdade humana, como diria Arendt (2001). Assim, assume também um lugar de produção de energia utópica, pois sendo a utopia o lugar fora de todos os lugares, incorporal, um corpo sem corpo, é colossal na sua potência (FOUCAULT, 2013).

### 3 CONCLUSÃO

O processo de pesquisa revelou que as experiências de mulheres professoras em grupo, enquanto um coletivo, produziu sentidos diversos na experiência de educar em direitos humanos em meio às situações de violências e violações de direitos, principalmente, as violências que carregam no próprio corpo.

Assim, corroboram para outros modos de educar em direitos humanos ao potencializarem experiências de vida, educação e políticas públicas a partir do comum, do comunitário, dos pequenos grupos, do campo imanente de problemas cotidianos, do lugar e das condições de gêneros e de trabalho docente.

Ao produzir uma estética da existência circular, alegre, encarnada na vida, compartilhada, na troca, na ajuda, no cuidado de si e do outro, protagonizam a escola, o micro



como espaço público, comum de invenção e efetivação dos direitos humanos numa prática articulada de poder e saber a partir do comunitário, como uma rede, ou círculos descentralizados onde atravessa e faz circular entre, com, nas pessoas protagonistas desse educar, mulheres professoras da educação básica, sua potência política de resistência, comprometimento e liberdade quebrando com formas abissais, normalizadoras, impositivas e centralizadas de desenvolvimento de políticas públicas de educação, produzindo efeitos nas estruturas sociais e de pensamento historicamente arraigados em modelos machistas, violentos e excludentes.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ADICHIE, Chimamanda. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora ufmg, 2003.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 12. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: De Petrus et Alii, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** 3. ed. Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

ESCRIVÃO FILHO, Antonio; SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. **Para um debate teórico-conceitual e político sobre os direitos humanos**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. Selma T. Muchall. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. RJ e SP: Paz e Terra, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Historia da sexualidade 3**: o cuidado de si. RJ e SP: Paz e Terra, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 28 ed. Rev. Roberto Machado. Rio de Janeiro: 2014c.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. **O oco do vento**: metodologia de pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.



CIVILIZAÇÃO  
OU BARBÁRIE:  
o futuro da  
humanidade



# IX Jornada Internacional de Políticas Públicas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

20 a 23 agosto  
2019  
Cidade Universitária da UFMA  
São Luís, Maranhão, Brasil

Submissão de trabalhos: de 07 de janeiro a 19 de março de 2019  
Informações: [www.joinpp.ufma.br](http://www.joinpp.ufma.br)

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

PETIT, Sandra H.; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ideias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética. In: **Entrelugares**: revista Sociopoética e de abordagens afins. Fortaleza. ISSN: 1984-1787, v. 1, n. 2, mar./ago. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

